

D. Raphael Bluteau — Desenho de J. P. de Sousa — Gravura de Coelho

Paga hoje o nosso jornal uma divida da nação portugueza, á memoria do estrangeiro benemerito que lhe compoz o primeiro diccionario completo da sua lingua, publicando pela primeira vez a vera effigie de tão insigne varão.

O retrato de Bluteau, que devia estar patente em todas as academias, escholas e bibliothecas do reino, existia apenas na casa professa dos Caetanos, d'esta cidade, d'onde foi levado com outros mais, em 1834, para os claustros de S. Francisco, sob cujas abobadas lenteiras se empilharam as livrarias dos extinctos conventos.

Alli esteve, como sumido, até que em 1852, o fallecido bibliothecario-mór, José Barbosa Canaes, teve o bom e plausivel accordo de separar os quadros sacros dos profanos, fazendo dos que eram propriamente retratos um catalogo biographico, devidamente numerado, que publicou em 1854, n'um volume de folio, com o titulo de: *Estudos biographicos, ou noticia das pessoas retratadas nos quadros historicos pertencentes á bibliotheca nacional de Lisboa*. Obra que, salva a detestavel redacção, é de muito prestimo para a bibliographia e historia nacional, pelo que nos cumpre ser gratos á memoria do finado auctor.

Este retrato pertencia á collecção que tinham os clerigos regulares da Divina Providencia, no convento dos Caetanos de Lisboa, d'onde fôra preposito o padre D. Raphael Bluteau, desde 1715 até ao seu fallecimento. Representa-o na edade de 93 annos, quando já havia padecido um ataque de apoplexia que lhe deixou a bocca torta. E de meio corpo, sentado n'uma poltrona, com a penna na mão, posto a um bofete, escrevendo a sua ultima obra intitulada: *Oraculum utriusque Testamenti*, que se conserva inédita, em tres grandes volumes de folio maximo, na bibliotheca nacional de Lisboa, repartição dos manuscriptos a meu cargo.

O actual bibliothecario-mór, o nosso douto collega e collaborador Mendes Leal Junior, váe agora collocar este retrato no seu gabinete, a par de outros insignes escriptores portuguezes cujos retratos vieram tambem dos extinctos conventos.

Da longa vida d'este sabio theatino, poucas noticias nos ficaram, mas essas mesmas resumiremos aqui.

D. Raphael Bluteau nasceu em Londres a 4 de dezembro de 1640. Seu pae, João Bluteau de Bellombre, foi trinchante de Henriqueta Maria de França, mulher de Carlos I de Inglaterra.

Quando a rainha d'alli saíu em 1644, por causa das alterações que houve n'aquelle reino, e da perseguição feita aos catholicos, foi com ella para Paris o pae de Bluteau. Aqui deu elle começo aos seus estudos entrando no collegio de Lafleche. Quando os acabou, foi vestir a roupeta de S. Caetano á casa de S. Miguel de Florença, onde professou em agosto de 1661. Cursou philosophia em Verona, theologia em Roma e Paris. N'esta ultima cidade se ordenou de presbytero. Em 1664 já era prégador de fama, e conhecido por sua applicação ás sciencias naturaes e mathematicas. Por esse tempo a mesma rainha de Inglaterra o nomeou prégador da sua real capella. Com recommendação d'esta princeza veiu

para Portugal, chegando a Lisboa em junho de 1668. N'esta capital exerceu o ministerio do pulpito com grande applauso, nomeando-o a inquisição seu qualificador em 7 de janeiro de 1676.

Por ser mui perito em fallar as linguas, e por sua natural eloquencia, o nomeou a corte de Portugal para ir com o dr. Duarte Ribeiro de Macedo negociar o casamento da princeza Isabel, então herdeira da corôa, com o principe de Saboya. Acompanhou elle o nosso ministro até Alicante; porém fallecendo Duarte Ribeiro n'esta cidade, seguiu Bluteau a viagem para Turim, onde abriu os preliminares da negociação com grande credito da sua capacidade politica. Sendo depois enviado para a conclusão d'este negocio Francisco Pereira da Cunha, obteve o padre Bluteau licença para regressar ao reino. Demorando-se e prégando em Paris, foi eleito preposito da casa theatina de Sant'Anna, a Real, d'aquella cidade. Chegando a Lisboa, os padres da Divina Providencia o elegeram procurador geral.

Constando ao governo haver minas de prata na provincia de Traz-os-Montes, foi Bluteau por sua reconhecida sciencia mineralogica encarregado de as ir estudar e explorar. Succedeu, porém, que taes minas não havia, pelo que voltando a Lisboa, foi encarregado da organisação da fabrica da seda, por aquelle tempo decretada, escrevendo elle para esse effeito um tratadinho que mereceu grandes louvores, e serviu de base á nova industria. Intitulou-o modestamente: *Instrucção sobre a cultura das amoreiras e bichos da seda, dirigida á conservação e augmento das manufacturas de seda novamente estabelecidas em Portugal.*

Em 1715 recaiu n'elle a eleição de preposito dos regulares de S. Caetano de Lisboa, em cuja casa residiu até ao seu fallecimento, em 13 de fevereiro de 1734.

Bluteau pertenceu a todas as congregações litterarias do seu tempo. Foi um dos fundadores das «Conferencias eruditas», que os *scientes de Lisboa* instituiram na livraria do conde da Ericeira, no palacio do Cunhal das Bolas, em 1696. Quando se erigiu a academia real de historia portugueza, em 1720, foi elle um dos quarenta socios do numero.

Escreveu sobre muitos ramos das sciencias ecclesiasticas, naturaes e historicas; mas a sua obra monumental foi o Vocabulario da nossa lingua, o primeiro diccionario completo que tivemos, porque os de Jeronimo Cardoso e Agostinho Barbosa, com o thesouro de Bento Pereira, unicos que havia áquelle tempo, eram todos insufficientes por mui limitados.

Esta obra, constante de 10 volumes in-folio, é uma verdadeira encyclopedia para a sua epocha. Quarenta annos consumiu o laborioso padre na composição e impressão d'este diccionario, cujo titulo poremos aqui por extenso, pois dá perfeita idéa do conteúdo em tantos volumes.

«*Vocabulario Portuguez e Latino*, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero, geographico, geometrico, gnomico, hydrographico, homonymico, hierologico, ichtyologico, indico, isagogico, laconico, lithurgico, lithologico, medico, musico, meteorologico, nautico, numerico, neoterico, orthographico, optico, ornithologico, poetico, philologico, pharmaceutico, quiditativo, qualitativo, quantitativo, rhetorico, rustico, romano, symbolico, synonimico, syllabico, theologico, therapeutico, technologico, uranologico, xenophonico, zoologico. — Auctorisado com exemplos dos melhores escriptores portuguezes e latinos.»

Nos prologos que para toda a especie de leitores escreveu, tanto no primeiro tomo do Vocabulario, como no Supplemento, conta elle ingenuamente a historia d'esta laboriosa composição, para a qual parece incrivel ter bastado a vida de um homem, e de mais a mais estrangeiro!

Admirado de tão longo e profundo trabalho, exclamou um escriptor nosso:

«Sessenta annos se empregaram quarenta homens doutos, que sempre se foram multiplicando para conservar completo este numero na academia franceza, e póde ser que cada letra do alphabeto tivesse mais estudiosos que quantos caracteres n'ella se contam, e apenas produziram dois volumes de um diccionario.

Raphael Bluteau, sósinho, em quarenta annos, compoz dez volumes de um vocabulario bilingue.

Alguns extractos dos prologos darão a conhecer aos portuguezes quanto devem á memoria de tão douto varão.

A historia, tão admiravel como interessante, da composição do «Vocabulario Portuguez», conta-a elle mui por menor, tanto nos prologos do «Vocabulario» como nos do «Supplemento». Por ser esta a parte mais importante da biographia litteraria de Bluteau, a compendiaremos aqui escrupulosamente.

Louvando os sabios que se não fecham com o seu saber, mas que por meio da typographia brotam em cachões as fontes da sabedoria, e com perennes affluencias apagam a sêde de saber, assim prosegue:

«Estas razões e exemplos me obrigaram a preferir livros a tudo o que o mundo estima; e para não ser inutil ao publico esta minha curiosidade procurei reduzir a esta obra (o Vocabulario Portuguez) todos os livros que me vieram ás mãos, latinos, gregos, hebraicos, portuguezes, castelhanos, francezes, italianos, etc. Para execução d'esta laboriosissima empreza, *quæ totum hominem desiderat*, fui precisado a tirar-me da prédica, e renunciar os emolumentos d'ella, que pela continuação de muitos annos importariam a estas horas muitos mil cruzados. De todo este lucro cessante e damno emergente não fiz caso; não attendi ás advertencias dos amigos, que duvidosos da possibilidade do successo, me aconselharam que fizesse d'este parto um aborto. Não me desanimaram as contrariedades dos emulos, que com indiscretas criticas procuravam escurecer a obra antes de saída á luz. Como eu não levava outro fim que a gloria de Deus e a utilidade publica, todos os obstaculos me pareciam chimeras ou espantalhos de pusillanimes.

Resolvi-me a passar a França, para na metropole d'aquelle reino fazer mais exacta ou mais celebre a impressão do Vocabulario. Para ensaio da empreza, entreguei ao director da impressão real do Louvre alguns sermões meus, manuscriptos, prégados na corte de Portugal, que formavam o terceiro volume das minhas primicias evangelicas. Mas brevemente me desenganou a experiencia, porque da officina do impressor saíam as provas com tão grande numero de erratas, que não cabiam nas margens as emendas.

A esta falta de compositores praticos na lição de papeis portuguezes, se acrescentavam outras difficuldades, a saber, o custoso transporte da obra depois de impressa, perigos do mar, insulto de piratas ou inimigos, e outros muitos inconvenientes que deixo em silencio.

Com este desengano da impressão dos meus papeis em Paris, tratei de enfardelar e pôr-me a caminho para Portugal com esperança de melhor successo. Poucos mezes depois da minha chegada a esta corte, a politica das guerras da Europa metteu a corôa de Portugal na liça contra França. Valeu-se d'esta revolução a sagacidade dos meus émulos. Excogitaram razões para provar que o meu regresso a Portugal fôra mysterio. Para me fazerem suspeito,

fizeram-me estadista. Acharam-me talentos, para me acharem perfidias.

Cresceu com a suspeição a calumnia; e alguns dispendios no meu trato, ajudados da caridade alheia, foram reputados liberalidades de um monarcha, em premio da minha agencia. Forjou a impostura delictos, cuja execução era em si moralmente impossivel, mas facil e provavel para a credulidade dos nescios. No meio das tormentas de uma infelice innocencia, pouco faltou que não caísse em mim o raio exterminador da nação franceza; não me valia o ser Inglaterra a minha patria, e a lingua ingleza minha lingua materna. Parece a muitos que é incompativel coração portuguez com lingua franceza.

A este excesso chegou a emulação! Não achando na minha fidelidade peccados de obras, pegou-se ás palavras, e por não serem portuguezas as fez criminosas. N'esta materia não digo mais, porque não é este logar para apologeticos despiques. Mas é preciso que diga, que para me livrar de populares insultos, fui obrigado a buscar o real e religioso asylo de Alcobaça. El-rei D. Pedro II, meu suspirado senhor, foi servido honrar com sua soberana recommendação o meu retiro. Por ordem d'este senhor, o reverendissimo padre fr. Pedro de Lancastre, que então era geral, e como esmoler-mór assistia em Lisboa, e hoje é dignissimo bispo de Elvas, escreveu a estes padres que me dessem bom trato, quanto mais que Sua Magestade não tinha do meu procedimento queixa alguma. Para a seriedade e cortezania d'estes santos religiosos, não era necessario este estimulo. De sua ingenita bondade recebi singularissimos favores, e com singularissimo contentamento fui seu hospede mais de tres annos. N'este intervallo tive tempo para retocar toda a obra; retardou-se a impressão, mas com proveito, porque este genero de obras, quanto mais se dilata mais se augmenta e aperfeiçoa.

Não me canço em fazer-te a enumeração dos dias e horas que gastei na composição d'este Vocabulario; só digo que trabalhei n'esta obra mais de trinta annos. Duas vezes escrevi de minha letra os oito volumes que vão saindo á luz; e outras tantas vezes foram os ditos volumes trasladados e postos em limpo por diversos escreventes. N'estas poucas folhas offereço ao publico, para a intelligencia, propriedade e uso das palavras portuguezas e latinas, a substancia de mais de dois mil volumes.

Aos curiosos poupa esta obra o gasto de uma grande livraria; e ainda que tivesse cada particular todos os livros que revolvi, e auctores que consultei para o intento, todas estas noticias estariam espalhadas, sem ordem nem distincção, entre differentes assumptos e materias; quando pelo contrario n'esta obra, como n'um campo em que se faz alardo geral de um exercito, todas as palavras em fileiras ou filas estão, por sua ordem alphabetica, continuamente expostas á curiosidade dos leitores.

Parece que com estas razões tenho provado, que para servir a republica das letras, não poupei nem trabalho nem dinheiro; e o que mais é, do trabalho que tomei, e do dinheiro que gastei, não espero premio algum, porque como as boas letras se chamam e são, artes liberaes, tudo n'ellas (para amofinar mofinos) deve ser liberalidade, desinteresse e grandeza.

Tambem é de saber, que muitos portuguezes que pretendem reprovar-me por estranho, são menos portuguezes do que eu. Todo o portuguez que nasceu de quarenta annos a esta parte, tem menos annos de Portugal do que eu. No anno de 1668 cheguei a este reino, e desde aquelle tempo, raro foi o dia em que me não aproveitasse de alguma noticia da lingua portugueza. De todas ellas te faço n'esta obra, leitor portuguez, um presente: se não for do teu agrado, será porque não vem da mão de outro portuguez, que (a meu entender) és portuguez tão fino, que não havias de receber de um indio um bisalho de diamantes, nem de um gentio de Ceylão um fio de perolas, nem de um morador do Pegú um collar de rubis, porque tudo o que não sáe de mão portugueza, na tua estimação é nada.

Assim tivera eu achado auctores portuguezes em todas as artes liberaes e mechanicas para allegar com elles!

Por falta d'este subsidio corri as mais humildes officinas da republica; passei tardes inteiras em *atafonas*, entre *moegas* e *almanjarras*, enfarinhado na arte de moer; esperdiçador de decoros e aproveitador de farelos. Entrei em forjas de ferreiros e fundidores; examinei *bramadeiras* e *foganhas;* e tomei postilla de fundição entre *cadinhos* e *alcravizes;* metti-me em lagares de vinho, puz-me de *gorra* ao pé das uvas, e nos lagares de azeite, andei á roda no meio de *varandas* e *entrosas;* cheguei-me a *frades* que não são religiosos nem apóstatas, e fui obrigado a carregar a memoria de *balordos e capachos*.

Do trabalho que tomei, em colher de todos os livros portuguezes que me vieram ás mãos, dicções e phrases, não faço menção; só digo que enchi d'ellas alguns dez volumes de quarto, e n'esta collecção gastei mais de seis annos. Não me arrependo do tempo que me levou esta curiosidade. Sem exemplos de auctores, cada dia se formariam duvidas sobre o significado e uso de muitas palavras d'este Vocabulario.»

No prologo do primeiro volume do Supplemento, fallando com leitor impaciente, diz:

«Trinta annos gastados na composição dos oito volumes do Vocabulario, com outros dez empregados na emenda, reforma e additamento d'elle, e em outros dois volumes de folha, são quarenta [1]. Não te peze ter esperado. Aqui se acha o que parecia perdido; aqui se faz menção do que escapou á penna; aqui se emenda o em que errou a impericia; aqui se auctorisam, com exemplos, expressões destituidas de abonador. Vocabulos vulgares, e outros inauditos ao vulgo; termos nobres, phrases elegantes, que jaziam no sepulchro do esquecimento, n'este segundo theatro sáem á luz, e as noticias que dão, são premios devidos á paciencia dos curiosos.»

Até ao tomo quarto foi o Vocabulario impresso no collegio dos jesuitas de Coimbra, á custa do auctor. Mas d'ahi em diante, talvez porque lhe escaceassem os meios, auxiliou o governo a impressão, como sabemos pelo testimunho de agradecimento que D. Raphael Bluteau dá a el-rei D. João V, a quem o dedicou.

É na epistola dedicatoria do primeiro tomo do Supplemento, que achámos esta declaração nos termos seguintes.

«De todas as coisas que me vieram á noticia faz o Vocabulario menção; e para credito de seu auctor foi acabado no reinado de um monarcha tão amante das lettras, que de seu moto proprio, e por sua ingenita munificencia, lhe deu para sair á luz preciosos alentos.

«Sim, senhor, se com *auxilios do real erario* não acudíra Vossa Magestade, no meio da carreira parava a obra, e a suspensão era por agora uma especie de suffocação e morte para a lingua portugueza; lingua hoje viva, e tão viva, que com vantagem

[1] Dezeseis annos gastou André Joaquim Ramalho em leituras, extractos e verificações para a composição de um novo diccionario da lingua portugueza, a que se póde chamar classico; o qual deixou muito adiantado, e legou ao nosso douto historiador Alexandre Herculano.

Honrando a herança d'aquelle seu bom amigo, tem o sr. Herculano applicado muitas horas de trabalho para completar este excellente diccionario; dignando-se convidar-nos para a collaboração de tão importante obra, que em pouco tempo ficará prompta para a impressão.

á lingua latina, morta, cada dia com novas expressões se amplifica.»

Talvez concorresse para este auxilio a seguinte recommendação de uns censores do desembargo do paço: «Empreza foi esta que recommendaram os outros principes nos seus reinos aos maiores homens d'elles; é digno da attenção de Vossa Magestade honrar o auctor, que nascendo em outro reino, veiu a cançar-se em Portugal, acabando esta obra, quando o vocabulario francez occupou a muitos doutos em muitos annos, assistidos das melhores livrarias e meios que facilitou o poder real para este fim.»

Não pensem, pois, os que nunca folhearam um livro antigo dos nossos, que só agora se imprimem á custa do estado as obras que dão honra e proveito á nação.

Os quatro ultimos tomos do Vocabulario, e os dois do Supplemento, forão impressos na officina do impressor da academia real. Os oito volumes do Vocabulario levaram nove annos a imprimir.

Os gabos que esta obra teve de nacionaes e estrangeiros foram immensos; e ainda hoje, apesar dos progressos da lingua, e de estar abbreviado nos dois tomos compilados por Moraes, tem grande prestimo, porque, como bem diz o erudito conde da Ericeira—os outros diccionarios servem só para buscar, este tambem para se ler, instruindo e deleitando.

Bluteau morreu na decrepita edade de 94 annos, na sua cella dos Caetanos de Lisboa, chorado por todos os homens doutos do seu tempo, com quem teve trato e amizade. Na academia real, de que era socio, lhe recitou o conde da Ericeira o elogio funebre.

Na bibliotheca nacional de Lisboa, além da obra que já citámos, ha tambem d'elle algumas poesias latinas, francezas e portuguezas, inéditas e autographas.

Em quanto se fallar a lingua portugueza, ha de ser venerada a memoria d'este seu primaz lexicographo.

DEVOÇÕES E LENDAS RELIGIOSAS

II

PROCISSÃO DO FERROLHO

(vid. pag. 198)

O giro que fez esta procissão tem sua curiosidade, porque sobre ser muito longo, passou por alguns sitios que tão outros são hoje.

Eis como a descreve o manuscripto achado por fr. Carlos de Mello:

«Fez-se esta procissão em o dia 19 de fevereiro de 1625. Saiu da egreja velha ao meio dia, e tomou pela costa abaixo que está por detraz das capellas móres de ambas as egrejas, da parte do poente; foi saír ao chafariz de Arroios, caminhando por todo o campo de Santa Barbara até á egreja dos Anjos; d'ahi foi direita até ás portas da Mouraria, e voltou para o postigo da Palma, e passando a rua nova, assim chamada, se foi ao Rocio, entrou pela rua dos Escudeiros, atravessou-a toda, e assim a dos Douradores e ourives do Oiro, até ir dar na rua Nova que chamam dos Ferros; esta passou tambem, e veiu pela Padaria acima; entrando pela porta de Ferro passou pela Sé, e levando a rua direita que váe para S. Jorge, S. Martinho, Limoeiro e Santiago, foi saír pela porta do Sol, d'onde, dando volta, levou o caminho para S. Thomé e Santo André; d'alli, seguindo pela calçada acima, chegou ao postigo de Nossa Senhora da Graça, e d'ahi tomou o caminho direito por entre aquelles olivaes até á casa nova, onde a sacratissima imagem foi posta.»

Saiu esta procissão com oitenta e nove guiões (irmandades), e pelo caminho se lhe aggregaram quasi outros tantos. Saiu com cincoenta e sete cruzes, e durante o caminho se metteram n'ella mais sessenta e uma. Saiu levando noventa lanternas de prata, e recolheu com cento e vinte e quatro. Saiu com tres ternos de charamellas, e vieram festejar e acompanhar a Senhora mais quinze.

Acompanharam-n'a os soldados do castello com tochas e o guião de Santa Barbara; assim como gente sem conto com cirios e muitas danças, chacotas, e outras folias que n'aquelles tempos faziam parte dos prestitos religiosos.

Em summa, foi rara a pessoa de qualidade, nacional e estrangeira, que não acompanhasse a Senhora da Penha para a sua nova casa; juntando a isto os repiques de todos os sinos da cidade, tantos que não havia quem se ouvisse.

Dizem as memorias d'aquelle tempo, que não obstante ser a nova egreja muito grande, além de formosa, não havia poder entrar n'ella aos sabbados, domingos e dias santos sem muito trabalho, sendo necessario esperar que uns saíssem para entrarem outros.

Com promessas e offertas, principalmente da gente do mar, se renovou primorosamente a egreja em 1754; mas no anno seguinte, sobrevindo o fatal terremoto, a derribou, fazendo-se então a que actualmente existe, com as esmolas dos devotos da Senhora. É quasi toda de tabique, e importou n'uns quinze mil cruzados.

Diremos agora porque se fazia esta procissão de noite, e lhe chamavam popularmente do *ferrolho*.

Como o voto foi feito no tempo de peste, e de verão, para evitar o sol se tomou aquelle arbitrio, o qual se continuou. Uns dizem que pelo caminho ser longo e as calmas grandes no mez de agosto, em que se fazia esta procissão. Outros que por ir a maior parte da gente descalça, bom era que se conservasse o costume de se fazer de noite, por causa dos envergonhados.

O chamar-lhe o vulgo procissão do ferrolho, era porque o rapazio, que em grande numero acompanhava esta romagem, ia correndo o ferrolho de quantas portas encontrava por tão longo transito, fazendo d'isto grande galhofa, visto que n'aquelle tempo quasi todas as portas se fechavam com ferrolho por fóra. E ainda temos a phrase proloquial de «tocar no ferrolho» por bater á porta.

A principio esta procissão saía de Santo Antonio da Sé á meia noite em ponto; mas depois era de madrugada, de sorte que chegasse á Penha a horas de se poder celebrar a missa promettida.

A camara dava de almoçar aos devotos mais conspicuos; e parece que dos roes das despezas d'este voto, que existem no archivo da camara, se deprehende que o almoço constava de succulentas fatias de presunto de Lamego, pão de Meleças, e bom vinho do Lavradio.

Como os camaristas ficavam para almoçar, a procissão desfazia-se na Penha, e o Santo Antonio vinha para a sua egreja dentro de uma canastra ás costas de um moço, bem abafado. Isto escandalisou um certo mestre dos meninos do côro (estes meninos é que levavam o andor do santo), de appellido Andrade, o qual se offereceu para trazer o santo para a sua egreja, de sege. E assim o cumpriu por muitos annos.

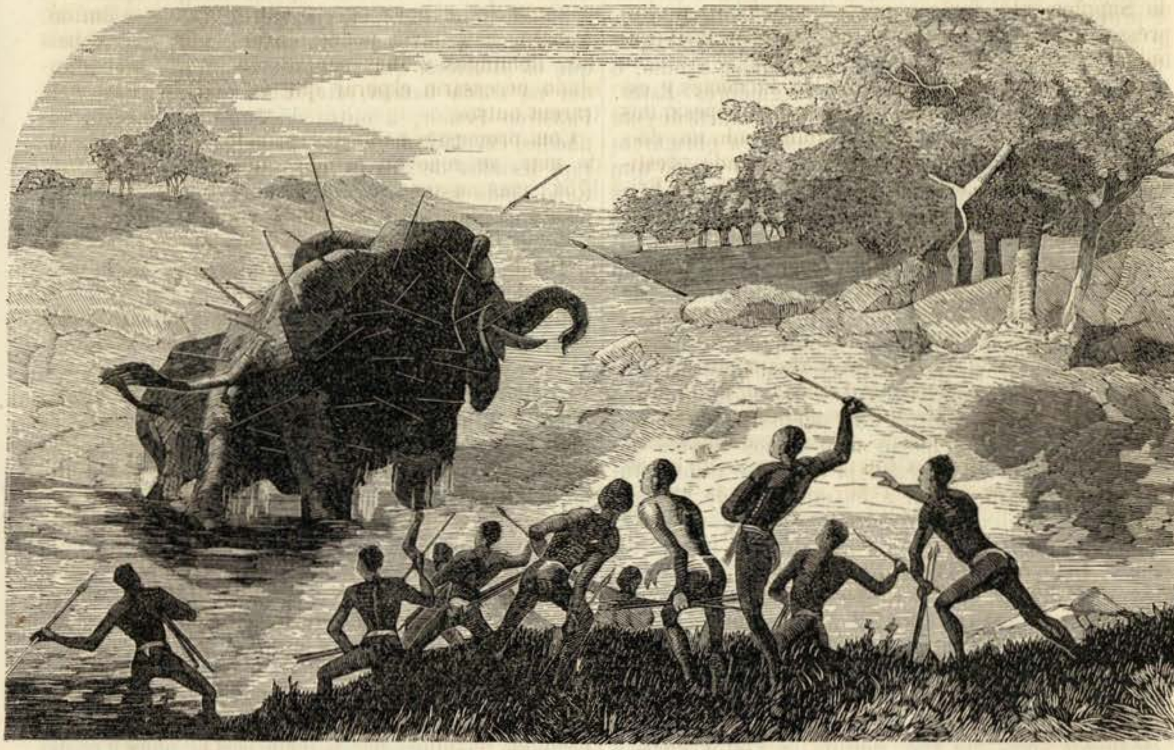
A ultima vez que se fez a procissão do ferrolho foi em 1832. Consta-nos que a irmandade da Senhora da Penha tentou restabelecel-a, mas a camara pediu ao cardeal patriarcha a commutação d'este voto por uma missa cantada na egreja da Pena, a que os vereadores assistem, commutação que lhe foi definitivamente concedida por provisão de 18 de julho de 1857.

UMA ELEPHANTA DEFENDENDO A CRIA

Sobre a historia natural e moral do elephante ha já tanta escripta, que junta dará muitos volumes. É isto não tanto por ser este o bruto de maior grandeza no corpo e na força, como porque tem um instincto que parece entendimento; memoria, habilidade e astucia como nenhum outro animal.

Não ha naturalista nem viajante que não conte alguma anecdota do elephante. Os nossos escriptores da Asia são copiosos em noticias e louvores d'este singular quadrupede; mas de todas as malicias e astucias que d'elle se referem, a que mais nos deu sempre no goto foi a seguinte, contada por Plutarcho, com tanta graça, que mal a poderemos recontar aos leitores.

Certo ricaço da Syria tinha por grandeza, nos seus jardins, um elephante mui ammado, como bem mereciam as prendas que possuia de macaquear os hospedes, e obedecer a todos os gestos e mandados de seu dono. O criado que o pensava, tinha por costume sisar-lhe metade da ração. Percebia o animal o furto, mas ia vivendo resignadamente como os nossos egressos e mais classes inactivas, esperando ensejo de revelar a seu dono este furto do mau servo. Chegou o momento. Certo dia em que o poderoso syriaco se demorou mais com alguns hospedes, a divertir-se com o seu comico elephante, deu a hora da ração. Mandou elle ao criado que lh'a trouxesse



Uma elephanta defendendo a cria.

bem medida. Veiu o criado, e poz diante do bicho a ração inteira. O elephante exultou de contente, abanando as orelhas com mais desdem que uma hespanhola feiticeira meneando o seu leque. Parecia estar dizendo lá comsigo: *Apanhei-te, ladrão!*

Foi-se á ração; dividiu-a ao meio com a tromba, comendo só a metade que o criado lhe costumava dar. O ladrão enfiou ao ver a manha com que o elephante o denunciava; o dono percebendo logo a delação, obrigou o criado a confessar o furto da meia ração, e dando-lhe o merecido castigo, d'alli por diante vigiou cuidadosamente o penso do seu estimado elephante.

Do amor que as elephantas, ou aliás, como ás femeas do elephante chamam os nossos classicos, contam egualmente os escriptores antigos casos maravilhosos. Dizem que de grandes distancias levam todos os dias os filhos a lavarem-se nos rios, e que quando presentem caçadores tratam de esconder as crias por tal modo, que muitas vezes, mettendo-as em covas d'onde depois as não podem tirar, entaipam-nas com arvores e pedras, preferindo que morram alli a vêl-as esquartejadas pelos caçadores.

Um exemplo recente d'estes extremos do amor materno, temos no successo que representa a nossa estampa.

É referido pelo dr. Livingston na sua viagem ao interior da Africa meridional, obra a que já por vezes nos temos reportado.

Eis como elle conta o caso.

«Querendo eu examinar nas margens do Zambese algumas rochas arenosas laminadas, deixei a minha comitiva, e a duas milhas, se tanto, avistei uma elephanta com sua cria. Estava-se esta espojando no chão, em quanto a mãe se abanava com as enormes orelhas. Deitando-lhe o meu oculo, divisei que alguns dos meus se aproximavam para atacar os pobres animaes, que tão descuidados estavam. Sekuebu (o lingua do dr. Livingston) veiu avisar-me de que todos os da nossa comitiva tinham abalado n'aquelle momento, dizendo: «Nosso pae senhor verá hoje que casta de homens traz comsigo.»

Então me encaminhei para um ponto mais elevado, a fim de presenciar o seu modo de caçar o elephante.

A pacifica alimaria, ignorante do perigo que ia correr, estava então dando de mammar ao filho, que teria uns dois annos. Farta já a cria, encaminhou-

se com a mãe para um charco, onde se enlodaram completamente. Retoiçavam-se na agua mãe e filha; esta abanando as orelhas e agitando a tromba; a mãe, lambendo-se de contente, correspondia-lhe com o movimento da cauda e das orelhas. Os caçadores começaram a assobiar, uns com tubos, outros mettendo os dedos na boca, ao passo que os mais d'elles chamavam a attenção da elephanta dizendo-lhe em som de cantiga: «Ó chefe, chefe, vamos matar-te.» «Ó chefe, chefe, outros muitos morrerão depois de ti.» «Os deuses disseram isto, etc.»

Ambos os pobres animaes arrebitaram as orelhas, ao sentirem a algazarra dos pretos, e saíram da agua. A cria fugiu espavorida para a extremidade do valle; porém vindo os caçadores por aquelle lado, correu outra vez para o pé da mãe, que a cobriu com o corpo, e abraçando-a com a tromba, para melhor a proteger, deu o flanco aos caçadores, retirando-se, e andando sempre obliquamente, manifestando por todos os modos a anxiedade de defender o filho, e a gana de vingar-se dos seus perseguidores. Estes, cantando e assobiando, seguiam-n'a a distancia de cem metros, atraz e aos lados, para assim a obrigarem a passar um ribeiro que ficava perto. O tempo que os dois animaes inverteram em descer e subir as margens, foi sufficiente para que os caçadores se postassem a uns vinte metros de altura sobre a ribeira, e d'alli começassem a disparar os piques ou dardos que traziam. A este primeiro arremesso viu-se logo que a elephanta estava ferida, pelo sangue que derramava pelo costado, e porque só então começou a tratar mais da sua salvação que da cria. Tinha eu expedido Sekuebu com ordem de que m'a salvassem; e posto que elle partisse logo, como n'aquelle paiz nem moços nem velhos correm depressa, quando elle chegou já a cria se tinha refugiado no ribeiro, e alli a haviam matado. A mãe não vendo o filho, afrouxou o passo, voltou-se dando um bramido de raiva, e investiu com os aggressores. Estes debandaram logo, descrevendo em sua carreira angulos rectos e obtusos. A elephanta como ia correndo para elles em linha recta, em breve se achou no meio de todos, mas em grande distancia. Comtudo sempre roçou com a tromba a um que levava um panno aos hombros, coisa mui perigosa n'estes casos. Tres ou quatro vezes os carregou a elephanta, mas em vão, porque os pretos guardavam sempre a distancia de uns cem metros. Cada vez que o pobre animal passava algum riacho, detinha-se a olhar para os seus inimigos, e ahi recebia novas feridas, de modo que á força de lançadas e de perder muito sangue succumbiu; mas heroicamente, dando a ultima carga, que já não póde proseguir, porque começou a cambalear, caindo logo de joelhos sem vida.

Não presenciei toda a caçada, porque me chamou a attenção o sol e a lua que appareciam sem nuvens; mas separei a minha vista com penoso sentimento d'aquelle espectaculo destruidor do mais nobre animal que tanto se podéra aproveitar em Africa; sem que mitigasse a minha pena a lembrança que me ficava pertencendo o marfim, que é a causa principal por que se matam estes quadrupedes. Senti muito a morte d'esta elephanta, principalmente da cria, de mais a mais não estando nós faltos de viveres. Confesso que não padeci tanto no dia em que derramei o meu proprio sangue, entre as garras de um leão no valle de Mabotsa [1].

Para criminar certos actos é preciso não ter parte n'elles. Talvez que eu me suppozesse mais humano, ao ver matar por meus companheiros aquelles dois elephantes, se não houvera tambem sido réo de egual delicto n'outra occasião.

[1] Referimos este caso a paginas 17 do 2.º vol. d'este jornal.

A cria era macho, e teria dois annos, como já disse. Media de altura até á cernelha 2^m 65. A mãe tinha 3^m de altura; e cada orelha 1^m 36 de largo. Pelas orelhas se conhecem os elephantes africanos, que as tem maiores que os indios, quasi dois terços. Vi um indigena cobrir-se todo com uma orelha de elephante para se resguardar da chuva.

Desejando eu saber se o elephante africano póde ser domesticado, consegui o que anciava pela amabilidade do meu amigo o almirante Smith, podendo agora offerecer aos leitores axactas informações a este respeito.

Nas duas medalhas que apresento (vão a pag. 208) copiadas do «Catalogo descriptivo de um gabinete de medalhas de bronze dos romanos e do imperio», se distingue mui bem o tamanho da orelha do genuino elephante africano. Cuvier diz que Aristoteles sabia melhor esta particularidade do que Buffon. Vê-se que os romanos os tinham por mais doceis que os asiaticos, que os ensinavam a bailar, e a andar na corda bamba, etc. Uma das madalhas é de Faustino Senior, a outra de Septimio Severo, cunhadas em 197 da nossa era. Estes elephantes foram levados de Africa para Roma. Na cidade do Cabo ainda se não tratou de domestical-os, nem tão pouco na Inglaterra, havendo apenas no Museu Britannico um só, muito novo.

Do muito que os nossos escriptores da Asia dizem a respeito dos elephantes d'aquella região, tirâmos, por muito aprazivel, o que, de um que possuia, conta João Ribeiro, no seu livro intitulado: *Fatalidade historica da ilha de Ceylão.*

Depois de enumerar os serviços que fizeram os elephantes no cerco d'aquella ilha, que lhe pozeram os hollandezes, diz:

«Já que fallámos em elephantes, não é razão que os deixemos em silencio; ao menos diremos alguma coisa.

E porque muitos escrevem d'elles, nós sómente o faremos de um que tinhamos em nosso poder, com filhos e netos. Este era o mais formoso animal que se póde considerar, e só nos servia em alguma necessidade urgente, por quanto havia outros que occupavam o serviço ordinario, e só nos valiamos d'elle para caçar os bravos do matto. A este chamavam Ortelá, que tambem supportou o notavel sitio de Colombo, conduzindo-nos palmeiras de noite e de dia nos sete mezes que durou, para reparar as ruinas das continuas baterias; e de quinze que tinhamos, a elle só não comeram, comendo-se os demais. O rei de Candia o mandou apanhar aos hollandezes, que o tinham no Betal, e se lhe pedissem por elle grandes cabedaes, todos os dera, por ser tal propriedade que cada anno dava a sua magestade mais de cincoenta mil patacas! E porque alguns terão este dito por fabuloso, sem passarmos adiante, será razão explicarmos de que maneira.

Estes animaes andam no matto em bandos, e sempre n'elles ha um de maior corpo e respeito que os outros, ao qual chamam guarda-bando. Estes bandos destroem as novidades, do que recebem os naturaes muita perda; assim, tanto que sentiam bando, logo vinham avisar a paragem onde elle andava. O capitão geral, como tinha este aviso, expedia o Ortelá, sómente com dois cornacas [1] e algumas aliás, que são as femeas; e chegados aquella paragem as punham na aldêa que lhes ficava mais visinha. Informando-se os cornacás da parte em que estava o bando, se iam para lá, levando comsigo o Ortelá, que, como o guarda-bando o sentia, se vinha chegando mui arrogante, ficando os mais parados. A este tempo um dos cornacas estava mettido debaixo do Ortelá, o qual com um descuido se ia chegando para

[1] Assim chamam ao indio que pensa e guia os elephantes.

o bravo, e, ajuntando-se ambos, Ortelá lhe lançava a tromba sobre o pescoço, subjugando-o de modo que nem com a muita furia que o bravo tinha, se podia desembaraçar, por ser o nosso mui grande e de muitas forças. O cornacá, que estava debaixo, tinha um laço que mettia em uma das mãos ao bravo, e o enleava á do mesmo Ortelá, ficando ambos presos. O outro cornacá, que estava á mira, logo acudia com outro laço, e o lançava no pé do bravo, e fazendo a mesma diligencia, ficavam ambos presos, com que se achava o bravo como um borrego. Logo em continente traziam duas d'aquellas aliás, e no lado opposto prendiam o bravo com uma d'ellas pelo pescoço, e tirando o Ortelá, lhe punham outra do outro lado. D'aquelle modo o traziam para a cidade. Muitas vezes em dois ou tres dias chegavam com a preza; e n'esta conformidade tomava tantos, que todos os annos se vendiam para o grão-Mogor entre vinte e trinta.

O preço d'estes animaes é mil pardaus (300$000 rs.) cada codo, que é da ponta do dedo maior até ao cotovelo; e o maior elephante tem nove codos da ponta da mão á espadoa. Sem embargo que este preço seja geral, comtudo paga-se de mais a perfeição, a postura, e signaes do animal, nem mais nem menos que os cavallos; com o que, o menos que vale um elephante de Ceylão são oito mil pardaus (2:400$000 rs.), e alguns se venderam por doze e quinze mil (4:500$000 rs.)

Em Goa servem os elephantes na ribeira das naus para a conducção das madeiras, e andam n'este serviço dez ou doze de varias partes. Quando para este ministerio mandavam algum de Ceylão, o levavam para a ribeira, onde todos os outros, quando este entrava, lhe faziam uma reverencia com muita submissão, sem que alguma hora o tivessem visto, e passando por entre elles, por pequeno que fosse, não fazia commemoração das cortezias dos outros. Parece que de algum modo, por instincto, se conhecem, pois o respeitavam, reconhecendo n'elle superioridade. Os moradores de Goa, nas vezes que para alli foram elephantes de Ceylão, observaram o que digo.

Por não ser molesto deixo de dizer muitas particularidades d'elles; basta saber-se, que os elephantes que vem do matto, em oito dias ficam tão domesticos, que não só não tornam a fugir, mas ainda fazem o que lhes dizem sem algum ensino. O principal beneficio para os amansar, é aquelles primeiros tres dias e noites não os deixar dormir um instante, e se o querem fazer, os divertem com pancadas; depois das quaes, com boas palavras que lhes dizem os vão animando, e no prazo que temos dito estão domados.

Algum auctor escreveu que estes animaes não se deitavam senão quando queriam morrer. Em parte se enganou, porque todas as noites dormem deitados, e os que servem para carga a tomam deitados, que de outra sorte, por sua altura, ninguem lh'a poderia pôr; sómente quando fazem alguma jornada e na marcha se deitam, não é para se tornarem a levantar, porque alli morrem, o que succede indo cançados.»

CONTOS DE CÔR DE ROSA

(Conta-os o auctor a sua mulher)

(Vid. pag. 182)

A RESURREIÇÃO DA ALMA

V

Muitos annos ha que Santiago se ausentou de Ipenza.

Fôra elle recebido no Mexico com grandes mostras de carinho. Seu tio era um dos negociantes mais ricos d'aquella cidade. Tocava já nos cincoenta annos, e não tinha casado nem pensava casar-se.

Durante o primeiro anno, Santiago foi modelo de applicação e siso, pelo que seu tio lhe tomou entranhavel affecto, concentrou no sobrinho todo o caudal de amizade que guardam sem saber que façam d'elle, os que chegaram aos cincoenta annos sem familia e sem amigos do coração; porém no anno seguinte começou a tontear com muito sentimento do tio. Os amores illicitos, o jogo, os espectaculos selvagens, o luxo exaggerado, os banquetes, todas as coisas, em fim, que constituem a felicidade das almas vulgares, tinham para elle um encanto a que nem sempre podia resistir. A caridade, as letras e as artes, o amor puro, a formosura da natureza, as expansões tranquillas e ingenuas da amizade, o amor-perfeito ou o jasmim que nos envia dentro de uma carta nossa mãe ou a nossa irmã, a recordação constante do nosso lar, a continua anxiedade de regressar á terra natal, todas as coisas, em fim, que são a gloria das almas delicadas, careciam de enlevo para Santiago.

Um dia chamou-o o tio ao escriptorio, e disse-lhe:

— Santiago, com pesar vejo que te apartas do bom caminho, do caminho que segui para alcançar a estima de todos, e o milhão de peças que possuo hoje. Consomes-te por gozar do mundo, e vaes por caminho inteiramente opposto ao fim a que desejas chegar. Se trabalhares sem descanço, dia virá em que sejas possuidor das riquezas de teu tio, e poderás satisfazer essa ambição de gozos materiaes que te fina; porém, se não trabalhares nem te afastares da vida que emprehendeste, nunca realisarás o teu sonho, porque não poderás dispor de riquezas proprias nem herdarás as de teu tio. Medita bem no que te disse, e escolhe o que mais te convenha.

Santiago meditou, com effeito, nas palavras de seu tio, e a final decidiu-se a trabalhar para ser rico, primeiro, e depois dar-se á vida que constituia o seu eterno sonho.

O tio, que lhe queria muito, costumava dizer quando se tratava de Santiago:

— Esse rapaz comporta-se bem, graças ao sermão que lhe préguei assim que principiou a desmandar-se. Estou resolvido a deixar-lhe o meu capital assim que fechar os olhos, porque na verdade o merece; porém, tremo ao pensar que vae fazer algum desproposito quando estiver rico; quererá desforrar-se n'um anno da fome de prazeres que está soffrendo ha dez, e estoirará de certo. Os senhores verão, se viverem, se os meus receios são ou não fundados.

O dia d'esta prova chegou mais depressa do que se afigurára ao bom do negociante. O tio de Santiago morreu ao completarem-se os dez annos da chegada do sobrinho ao Mexico.

Santiago encontrou-se, pois, aos vinte e cinco annos senhor de um milhão de cruzados, e de vinte e cinco milhões de desejos materiaes.

Recordou-se, naturalmente, o que certa manhã de S. João dissera a Catalina no nogueiral de Ipenza:

— Se fosse rico, dar-me-hia pressa em divertir-me, porque mui ligeira que viesse a morte para impedil-o, chegaria tarde.

— Já que fallaste de Catalina, dize-me: que foi feito, em todo esse tempo, da pobre menina, e de Ramon e Quica?

Catalina era uma das raparigas mais lindas que passeavam nas Encartações, tanto que, apesar de ser *jariega*, de estar sempre mui triste, e de saberem todos que desfolhava malmequeres ao romper da alva, saia-lhe cada dia um noivo.

Ramon e Quica estavam já bem velhos, e consumidos pelos continuos desgostos que lhes davam as

chegadas do vapor da America sem trazer carta do rapaz.

Santiago rara vez escrevia. Deve, comtudo, dizer-se que elle, no meio de suas más qualidades, tinha algumas boas, e entre ellas seria a primeira lembrar-se da sua patria, posto que não escrevesse a seus parentes.

— Quero voltar ao meu paiz, — dizia Santiago, — porque meus paes são já velhos e desejam ver-me; porque a pobre Jariega é boa rapariga, ainda que as suas cartas mostram que está tão choramigadora como sempre, e porque o meu paiz é bom para passar uma temporada; porém grande loucura faria se antes não visse e gozasse quanto ha que ver e gozar n'este novo mundo, que só tenho visto por um oculo.

Disse isto Santiago, ou, antes, o sr. Santiago, porque realmente me envergonho de nomear com tamanha sem ceremonia um homem que possue tanto dinheiro; disse isto, e no dia seguinte lançou-se n'um caminho licencioso.

Na America central e na do Sul, o sr. Santiago fez grande figura.

Carruagens ás duzias, cavallos aos centos, criados ás grosas, e o mais que se deve calar; cada semana as commoções de um desafio; cada dia o enjoativo de um par de horas de jogo, e de vez em quando uma quéda nas apostas em que rebentava o cavallo em cinco minutos.

Nada faltava á vida de um libertino. Foi isto que deu, por espaço de meio anno, ao sr. Santiago immensa celebridade na America hespanhola.

Fôra impossivel continuar assim.

O sr. Santiago conheceu que os prazeres iam-n'o desgostando. Gastavam-lhe o corpo, e, o que ainda é mais, trituravam-lhe o coração.

Passou aos Estados-Unidos; mas não pôde, ou não soube conter-se. Alli, durante outro meio anno, continuou a mesma vida.

Quando o lobo se fartou de carne, metteu-se frade; assim o sr. Santiago, aborrecendo, com effeito, aquelles prazeres pelos quaes tanto suspirava, pensou no seu paiz, em seus paes, e até na pobre Jariega, e resolveu-se a embarcar para a mãe patria.

Mañanita de San Juan
cuando la gente madruga,

recebe o nosso homem uma carta com a triste noticia de que os seus paes tinham morrido com saudade de não tornar a ver o filho, cuja ausencia choravam havia mais de dez annos.

O sr. Santiago não recebeu com indifferença aquella noticia; ficou, porém, admirado de que não lhe causasse o pezar que n'outros tempos lhe haveria causado. Era porque a sua alma tinha-se consumido nos prazeres, estava morta para a terra, já que não o podia estar para o ceo.

E Santiago disse então:

— Se n'esta terra, rica de juventude e civilisação, não encontro já prazer algum, quaes posso esperar da minha patria, velha decrepita, que como os velhos tornaram á ignorancia e á impotencia da meninice? Além d'isso, meus paes morreram, e se alli for capaz de sentir alguma coisa, será o desgosto de não encontral-os já ao pé do lar onde os deixei. Não, não quero voltar ao meu paiz! Percorrerei todo o mundo, e talvez com as minhas riquezas encontre ainda prazeres; mas não tornarão a dar-me a sua sombra as nogueiras e cerejeiras de Ipenza.

As devassidões, o jogo, o luxo, os amores venaes, os prazeres de todo o genero, causavam-lhe profundo tedio. Fez, todavia, um supremo esforço para novamente submergir-se n'elles, porque os havia desejado muito para deixal-os tão facilmente; mas succedia-lhe o mesmo que ao doente com fastio, que obstinando-se em comer, exacerba a rebeldia do estomago.

E não era já a morte da alma, a morte do coração, a morte do sentimento o unico mal que sentia Santiago; trazia o rosto abatido, o cabello principiava-lhe a encanecer, os membros entorpeciam-se-lhe, o peito respirava-lhe difficuldade.

Consultou os medicos mais famosos do novo continente, e todos opinaram que para o restabelecimento da sua saude convinham muito os ares patrios; mas Santiago oppoz tenaz resistencia em seguir o conselho dos medicos.

— Sou — dizia elle — o ente mais desgraçado da terra! Passo a metade da vida trabalhando sem descanço e cheio de privações para enriquecer-me; enriqueço, a final, e vejo que as minhas riquezas são inuteis; sou, portanto, mais desgraçado que o ultimo dos tres milhões de escravos que gemem n'esta terra da liberdade, porque só conservo viva a intelligencia para contemplar o vasio do sentimento! Oh meu Deus! daria todas as minhas riquezas para sentir um estremecimento no coração, ou uma lagrima nos olhos.

— Não te parece, luz dos meus, que, com effeito, Santiago era bem desgraçado?

— Se o era!

Que Deus, se assim lhe aprouver, accumule de enfermidades o nosso corpo e de tribulações a nossa alma;

Que nos condemne a chegar á decrepitude ganhando com o suor da fronte o sustento quotidiano;

E que nos negue a dita de ver em torno do nosso leito funerario, filhos que nos chorem e reverenceiem;

Mas que nos conserve sempre a louçania e a juventude da alma!

Cada vez mais se lamentava Santiago de ter perdido esta juventude e louçania da alma, que a ti e a mim nos faz ditosos.

A tisica moral succedia já a corporal. Os medicos declararam-lhe terminantemente que a sua unica esperança de salvação estava no regresso á terra natal, e Santiago consentiu por fim em proseguir esta esperança, antes por indifferença, do que por amor á vida.

(Continua)



Medalhas romanas accusadas a pag. 206

CHARADA

Fui entre mattas nascida — 2
Para entre mattas crescer — 2
E quiz, anciando outra vida,
Santamente florescer.

Explicação dos enigmas dos numeros 24 e 25

N.º 24 — As lagrimas do histrião descem do cerebro, e as do homem sensivel sobem do coração

N.º 25 — Deus abate os grandes, e eleva os pequenos

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.